

VOGGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO
30, Rua da Alegria, 30
End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO — R. Cecílio de Sousa, 77, 1.º — Telef. N. 873
(Antiga R. da Procissão)
ADMINISTRAÇÃO — Rua Anchieta, 25 — Telef. C. 1084



DOLLY ET BILLIE AS DUAS BAILARINAS QUE TANTO SUCESSO ESTÃO CAUSANDO EM PARIS

ESTE NÚMERO TEM DUAS FOLHAS DE BORDADOS

Ayuntamiento de Madrid

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VIDA ELEGANTE



A sr.^a D. Delmira de Sousa Dias Valagão e o sr. Abílio da Luz Clara, à saída da paróquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, por ocasião do seu casamento, realizado no dia 21 de Abril último

DIPLOMATAS

Decorreu brilhantíssima a recepção de quinta-feira última, no Palácio da Embaixada do Brasil, à rua António Maria Cardoso, com o qual o ilustre Embaixador do Brasil em Portugal e Madame Cardoso de Oliveira solenizaram a data festiva da Descoberta do Brasil, e à qual concorreram além do Governo Português, os principais membros do Corpo Diplomático actualmente em Lisboa, e grande número de famílias da nossa primeira sociedade e da colónia brasileira em Lisboa.

Durante a tarde as vastas salas da Embaixada ofereciam um aspecto verdadeiramente encantador, tendo-se feito além de animada conversação, boa música pelo exímio sexteto sob a direcção do distinto violinista Vieira Pinto.

Os ilustres diplomatas, suas gentis filhas e genro, bem como o restante pessoal da Embaixada em Lisboa, foram de uma cativante amabilidade para com os seus hóspedes.

CASAMENTOS

Com grande brilhantismo realizou-se na capela da elegante residência dos srs. Condes de Bobone, à rua S. Filipe Nery, o casamento de sua sobrinha, a sr.^a D. Tereza de Lencastre Gil de Borja Macedo e Meneses, gentil filha da sr.^a D. Maria de Lencastre Arango Gil, e do sr. D. José Gil de Borja Macedo e Meneses, já falecido, com o sr. dr. António Corrêa da Silva

Sampaio, filho da sr.^a D. Joaquina da Cunha Corrêa de Sampaio e do sr. Pedro Corrêa da Silva Sampaio, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} Condessa da Ponte e D. Jesus Gil de Borja Macedo e Meneses Beltrão, tias da noiva, e de padrinhos os srs. Marquês de Olhão e José Corrêa da Silva Sampaio, respectivamente tio e irmão do noivo.

Celebrou o acto o reverendo Augusto de Araújo, que antes da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido no salão de mesa da aristocrática residência um finíssimo «lunche», da Marques, seguindo os noivos depois para a quinta do Arco, na Castanheira, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

Realizou-se com grande brilhantismo, na capela do Palácio do Patriarcado, ao Campo dos Mártires da Pátria, o casamento da sr.^a D. Lucinda Cardoso Pessoa, gentil filha da sr.^a D. Ermínia Cardoso Pessoa e do sr. Guilherme Cardoso Pessoa, distinto clínico da Armada, com o sr. dr. Joaquim Mendes Belo Correia, filho da



A sr.^a D. Maria da Guia Ramalho e o sr. Joaquim Ferreira Lopes, por ocasião do seu casamento realizado em capela armada na residência dos pais da noiva

sr.^a D. Maria da Paixão Belo Correia, sobrinha de Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, e do sr. dr. Augusto Fernandes Correia.

Serviram de madrinhas a sr.^a D. Angela Duran Mendonça e a mãe do noivo, e de padrinhos o sr. Ernesto Carlos de Mendonça, ilustre director do Banco Lisboa e Açores, e o pai do noivo.

Celebrou o acto Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, que antes da missa fez uma comvente alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Findo o acto religioso foi servido na quinta dos pais da noiva ao Lumiar, um finíssimo lunche, fornecido pelo Avenida Palace.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

Em capela armada na residência da sr.^a D. Maria José Ramalho e do sr. Francisco Roque Ramalho, sócio-gerente do Palace de Vidago e do Hotel Avelames das Pedras Salgadas, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Maria da Guia, com o sr. Joaquim Ferreira Sopas, filho da sr.^a D. Ana Duarte Sopas e do sr. José Ferreira Sopas.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Laura Ramalho e D. Maria José Duarte Sopas, irmãs dos noivos, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Joaquim dos Santos Silva.

Celebrou o acto o prior da freguesia do Socorro, reverendo João Filipe dos Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido

na sala de jantar da residência um finíssimo lunche, da Versailles, seguindo os noivos depois para o Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

Realizou-se na paróquial igreja das Mercês, com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Maria Luiza César Filgueiras, gentil filha da sr.^a D. Maria Elvira César Filgueiras, já falecida, e do brilhante maestro sr. Luís Filgueiras, com o sr. João Filgueiras Gomes da Silva, filho da sr.^a D. Maria Isabel Filgueiras Gomes da Silva e do sr. José Júlio Gomes da Silva, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Cândida da Cruz Cavassa e D. Elvira de Meneses Alarcão, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Henrique Miguel de Alarcão.

Finda a cerimónia religiosa foi servido na residência da madrinha da noiva, sr.^a D. Cândida da Cruz Cavassa, um finíssimo «lunche», partindo os noivos depois para o Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

Na paróquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Arminda Lobo de Avila, com o sr. João Ferreira Quintino Rosa, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Adília Machado, tia da noiva, e D. Elisa Ferreira Quintino, mãe do noivo, e de padrinhos os srs. Salvador Mascarenhas e João Ferreira Quintino Rosa, pai do noivo.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

Com grande brilhantismo realizou-se na paróquial igreja de S. Sebastião da Pedreira o casamento da sr.^a D. Delmira de Sousa Dias Valagão, gentil filha da sr.^a D. Rosa de Sousa Dias Valagão e do sr. Joaquim Viegas Valagão, com o sr. Abílio da Luz Clara, filho da sr.^a D. Francisca Pires Uva Clara e do sr. Francisco da Luz Clara.

Serviram de madrinhas a mãe e a prima da noiva, sr.^a D. Maria Francisca de Sousa Dias, e de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso, que foi celebrado pelo reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma comvente alocução, foi servido na residência dos pais da noiva, na Avenida da República, um finíssimo lunche da «Bernard», seguindo os noivos depois para o Pálice do Busaco, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

No Porto, realizou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição de Sá Guedes Dias, interessante filha da sr.^a D. Izilina Guedes Dias e do sr. Tranquedo Alvares Guedes Dias, com o sr. dr. Miguel de Mendonça Monteiro, filho da sr.^a D. Margarida Mendonça Balsemão e Silva Monteiro, e do actual ministro da Justiça, sr. dr. José da Silva Monteiro, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual foram cantados com acompanhamento de órgão vários trechos de música sacra pelas sr.^{as} D. Adelaide e D. Amélia Pizarro, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um fino lunche.



A sr.^a D. Tereza Gil de Borja Macedo e Meneses e o sr. dr. António Corrêa da Silva Sampaio, por ocasião do seu casamento realizado na capela dos tios da noiva, srs. Condes de Bobone

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

Para o nosso colega na imprensa portuense, sr. Martins de Oliveira, foi pedida em casamento, no Porto, a sr.^a D. Ilidia de Oliveira Brandão, filha da sr.^a D. Bernardina de Oliveira Brandão e do notário em Vila do Conde, sr. Ilidio Baptista Brandão, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

Foi pedida em casamento pelo sr. dr. Abílio Garcia de Carvalho, para seu irmão Raúl, a sr.^a D. Alzira Dulce Oliveira Novais Peixoto, gentil filha da sr.^a D. Leonor Alice Gomes de Oliveira Novais Peixoto e do sr. dr. José Bento Novais Peixoto.

A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano. Para seu filho Armando, foi pedida em casamento, no Porto, pelo sr. Ventura Duarte Dias, a sr.^a D. Branca Ferreira Braga, interessante filha da sr.^a D. Rita Ferreira Braga e do sr. António Mannel Ferreira Braga.

O casamento realizar-se-há por todo o corrente ano.

Pelo sr. dr. Afonso Homem de Vasconcelos Almeida Serra, foi pedida em casamento para o sr. Alberto dos Anjos de Vasconcelos Castelo, a sr.^a D. Feliciano da Mota Veiga e Prata, interessante filha da sr.^a D. Palmira da Mota Veiga e Prata e do sr. José Rodrigues Prata.

A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

Para seu filho Luís foi pedida em casamento pela sr.^a D. Beatriz da Glória Carvalho Ribeiro, esposa do distinto major sr. Luís de Sousa Ribeiro, a sr.^a D. Maria Zelia Ferreira de Azevedo Clemente, gentil filha da sr.^a D. Maria Francisca Teixeira de Azevedo Clemente, já falecida, e do sr. Manuel Maria Gonçalves Clemente.

O casamento realizar-se-há ainda este ano.

Em Coimbra foi pedida em casamento pelo sr. Acácio Pais Borges de Brito, para seu filho Agostinho, a sr.^a D. Helena Pignatelli de Tavares Osório Freire Falcão, interessante filha da sr.^a D. Tomazia Pignatelli Tavares Osório e Melo Falcão, já falecida, e do sr. dr. José Freire de Carvalho Falcão.

A cerimónia deve realizar-se brevemente.

No Porto, foi pedida em casamento pelo sr. Sebastião Alves de Brito, para seu filho Sebastião, a sr.^a D. Maria Amélia de Gusmão Calheiros, gentil filha da sr.^a D. Maria Augusta Forbes Guimarães de Gusmão Calheiros, e do sr. dr. Joaquim Pimenta de Melo Pinto de Gusmão Calheiros.

O casamento realizar-se-há ainda este ano.

NO CLUB BRASILEIRO

Na noite de quinta-feira última realizou-se nas magníficas salas do Club Brasileiro, à Avenida da Liberdade, um grandioso baile, solenizando a data da Descoberta do Brasil, organizado pela ilustre direcção desta elegante agremiação, o qual decorreu sempre muito animado, tendo-se dançado quasi sem interrupção até de madrugada ao som de uma exímia orquestra «jazz-banda».

Pela uma hora da noite foi servido ao ilustre Embaixador do Brasil, sua esposa, filhas e genro, que à entrada no club foram recebidos com o Hino Nacional Brasileiro, e ao restante pessoal da Embaixada, uma taça de «champagne» oferecida pela direcção.

Na assistência viam-se além dos ilustres diplomatas e sua família, grande número de famílias da nossa melhor sociedade e da colónia brasileira entre nós.

Na paróquial igreja da Graça realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Eugénia Lourenço Valente, gentil filha da sr.^a D. Elvira Lourenço Valente, com o sr. Acácio Carvalho e Silva, filho da sr.^a D. Elvira Carvalho e Silva e do sr. José Bernardo da Silva, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos, e de padrinhos o sr. dr. António Luizes e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido na residência da mãe da noiva um fino lunche, seguindo os noivos depois para o Pálice do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

LIQUIDADORA DAS CHAGAS, LIMITADA

23 a 33, Rua das Chagas, 23 a 33 (Ao Calhariz)—LISBOA

COBRANÇA DE PENSÕES E VENCIMENTOS, nos Montepios. Repartições do Estado, etc.—HIPOTECAS, TRESPASSES, ALUGUEIS, SEGUROS NUMA DAS MAIS IMPORTANTES COMPANHIAS

MOVEIS NOVOS E USADOS, ANTIGOS, E MODERNOS, GRAMOFONES E DISCOS

FOGÕES DE FERRO

As leitoras da VOGA tem um desconto de 5% em todas as operações efectuadas nesta casa, desde que apresentem na ocasião o numero do nosso semanario que insira um anuncio igual a este.

TELEPHONE T. 838

ESPARTILHOS E CINTAS



"POMPADOUR"

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

"A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30

PERFUMARIA BALSEMÃO

Fundada em 1895

141, Rua dos Retrozeiros, 143

Telefone: Central 2777

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Preços sem competência

Expedição rapida pelo correio á cobrança

Por esc 790\$00, TEM UMA LINDA SALA DE Jantar, com MOBILIA ALEMTEJANA

GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS

Rua de S. Bento, 120

Telefone T. 801

A RESPIRAÇÃO BASE DA VIDA

De uma maneira geral a nossa vida é simplesmente dependente do acto de respirar.

Quem vive respira! Quem respira vive!
Não há assim organismo algum na natureza, quer seja vegetal ou animal, que não baseie toda a sua existência na respiração.

Desde o primeiro vagido da criança recém-nascida, que é afinal a sua primeira expiração, até ao último suspiro do moribundo, toda a vida humana é função da mecânica respiratória, quer estejamos acordados ou em sono profundo.

A respiração é pois o acto mais importante da nossa existência e necessário se torna portanto dedicar-lhe toda a atenção procurando sempre saber qual a maneira como deve ser efectuada a fim de que o máximo rendimento possa ser obtido e todos os seus benefícios perfeitamente aproveitados.

Um ser animal pode viver um determinado tempo sem comer, menor tempo sem beber, mas, se se impedir a sua respiração, a sua existência apenas poderá manter-se durante alguns curtos minutos.

Naturalmente ninguém foi ensinado a respirar. Respiramos naturalmente, mantendo uma regularidade mais ou menos perfeita que só as exigências da civilização actual modificaram, obrigando a maioria das pessoas a contrair hábitos perniciosos e tendentes a provocar uma má respiração.

Para que melhor possamos indicar qual o processo correcto como devemos respirar, analisemos primeiramente o mecanismo da respiração.

Verificamos assim que a respiração manifesta-se primeiro por meio dos movimentos elásticos dos pulmões e em segundo lugar pela actividade das paredes e do fundo da cavidade onde se encontra alojado o aparelho respiratório.

Chama-se vulgarmente «peito» à cavidade hermeticamente fechada, limitada na parte posterior pela coluna vertebral, na frente pelo esterno e nos lados pelas costelas, onde se encontram os pulmões e o coração.

No acto da respiração as costelas movem-se por meio de dois envoltórios musculares superficiais, chamados «músculos inter-costais» dilatando ou comprimindo os pulmões e consequentemente obrigando o ar precipitar-se ou a ser expellido para o exterior quando esse espaço diminui.

Quem no seu lar possui a VOGA, o MAGAZINE BERTRAND e a ILUSTRAÇÃO, — tres grandes revistas modernas e únicas no genero em Portugal — dá mostras de ser uma creatura do mais requintado bom gosto.



(Modelo a que se refere a nossa Carta de Paris)

CARTA DE PARIS

Minha querida:

Já por acaso notaste, distraído-te pelas ruas durante esta época, no aspecto de quasi todas as casas? A elas também lhes fizera a «toilette».

As janelas teem também uma «parure» fresca, os reposteiros foram renovados, branqueados, e limpas escrupulosamente as cortinas...

Muito bem... à vista destas rendas, destes bordados, eu ponho-me sempre a pensar, a construir a vida dos habitantes desta cidade...

Eis duas janelas bem brilhantes que o sol acaricia com os seus raios. Ligeiramente tingido de ocre, um tule muito fino as recobre. Grandes reposteiros de folhos franzidos dão um ar de alegre mistério. Mais longe pequenas vidraças antigas enchem-se da doçura de outrora.

Uma musselina bordada, ligeira, azulina, nebulosa, esconde quasi inteiramente um fino perfil de mulher.

Depois, uma lucerna guarnecida dum tecido de quadradinhos vermelhos e brancos. A gaiola do canário e o vaso de gerânios completam a decoração.

Maravilhosos «stores» de Milão e de Veneza fazem a admiração de quem passa. Sinal de riqueza firme, de posição feita. E, eis, minha querida, o que eu noto ao vaguear pelas ruas de Paris, pesquizando um pouco e olhando a fisionomia das janelas.

Mas, voltemos às nossas conversas hebdomada-rias e abramos a caixinha das surpresas.

Eu já te escolhi as «toilettes» para de dia. Quer dizer: o «tailleur», cada vez mais curto agora, para de manhã, e dois vestidinhos de tarde.

Na primeira linha: um «tailleur» em sarja marinha, a sala de largas pregas fundas, o casaco muito simples, sem algum enfeite, senão duas algibeiras fingidas.

Um blusão em crêpe da China cinzento com cinto e fiavela, realizando um conjunto muito simples.

A casa «Lydia» mostrou-me um encantador vestido de tarde em georgette estampado a cinzento e vermelho.

Um lenço em batista com nó, um largo cinto em pele vermelha de gamo, assim como os pequenos vizes que debruam as costuras.

O terceiro vestido é de tarde; branco, a parte



inferior em azul pálido e a superior num lindo tecido de flores modernistas.

Beijos da tua tia muito amiga NUELMA.

CRONICA DA SEMANA EPISTOLOGRAFIA ELEGANTE

O sr. André de Fouquières pertence ao número daquelles felizes que, não tendo de ganhar a vida nem tampouco de pedir a Deus que os livre de preocupações, passam o tempo a ser elegantes e a dar leis em questões de moda. É possível que as leitoras não conheçam o sr. De Fouquières, o que, diga-se desde já, é um crime imperdoável contra o bom gosto!... Mas eu, Rosa Tirana, conhecedora das grandes celebridades mundiais, aqui tenho o gosto de lhes apresentar o aludido cavalheiro; chama-se André, usa adiante do nome de baptismo a particula nobilitante De, o que lhe dá um tom chique muito apreciavel; tem ali obra de uns trinta anos de idade, uma fortuna consideravel, uma fisionomia tem-tão-cáias, uma linha de irrepreensivel apurmo e não tem absolutamente nada que fazer. É o que se chama uma criatura feliz. E como não tem nada, mesmo nada que fazer, gasta rios de dinheiro em modas masculinas e é o Petronio da grande capital francesa. S. Ex.ª é hoje em Paris o que Jorge Brummel foi em Londres e Jerónimo Colação em Lisboa: é o árbitro das elegâncias. Nunca mandou fazer um fato de saragoça como o janota londrino, nem guiou um carro a duas soltas por entre as áleas apertadas dum jardim, como o nosso diplomata... Mas isso não impede que, na Cidade Luz, se esteja sempre de olhos bem abertos para não deixar fugir uma invenção elegante de S. Ex.ª, e de ouvidos bem atentos para escutar os seus ditames, infalíveis em questões ponderosas e urgentes do bom tom. O sr. De Fouquières reina, sem contestação, de ambos os lados dos Pirineus, e aí do elegante que não leia, escute e observe o janota parisiense!

A verdade, porém, é que S. Ex.ª é duma pobreza de invenção extraordinária. A mim, que sou um pouco irreverente para com as personalidades celebrizadas pela imprensa, afigura-se-me que o sr. De Fouquières é um pobretaina em questões de inventiva, um autêntico franciscano da moda!... Agora mesmo os jornais que imploram um artigo de S. Ex.ª e o declaram a pura essência da humana sabedoria, agora mesmo esses jornais me elucidam a respeito dos últimos decretos do ilustre representante terrestre de Sua Magestade a Moda. Trata S. Ex.ª da Arte da Correspondência e as suas determinações são fulgurantes. Não ensina a escrever bem porque se arriscava a que os manes da Madame de Sévigné ou do Padre António Vieira o mandassem passear... S. Ex.ª trata apenas das coisas exteriores, materiais, digamos melhor, da arte de escrever. Assim o

sr. De Fouquières entende que a letra deve ser muito legível. Novidade nula: já a ingénua do *Quien supiera escribir!*, de Campoamor, pedia ao padre lá da freguezia:

*Hacede la letra bien clara, señor cura,
Que lo entiendan eso bien!*

Adiante. S. Ex.ª diz também que as cartas devem ser datadas e levar o endereço de quem as escreve. A novidade tem pelo menos a idade da epistolografia!... Nas cartas destinadas a grandes personagens, deve-se empregar papel de grande formato com largas margens; começar à cabeça da carta com o apelativo dado à personagem em questão e iniciar a missiva na parte inferior do papel: tenho cá em casa epistolas dirigidas pela minha bisavó ao Senhor Dom Miguel I, que começam exactamente como prescreve o sr. De Fouquières. Isto até chega a desesperar uma alma que seja como a minha, sequiosa de novidades! Mas o árbitro das elegâncias parisienses vai agora encontrar *quelque chose de nouveau* para satisfação dos nossos espiritos perturbados. E assim ordena que o lacre esteja em harmonia com a carta que se escreve. Dirigimo-nos a uma alta personagem? Zás! lacre vermelho. Damos os pezones a uma alma aflita? Pois lacre violeta te valha, santinha! E o sr. De Fouquières é de opinião que neste caso se poderia também empregar o lacre cinzento, que é como quem diz: cor de burro quando fuge. Como vêem, aqui há já uma certa novidade. Mas, S. Ex.ª vendo que já tinha dado largo pasto ao nosso desejo de coisas novas, fecha a torneira e condescende em não continuar a ser tão genial porque poderia morrer de esgotamento cerebral, e era uma perda para a Humanidade, tão precisada de grandes homens. E como fecho de ouro a tão formosas locubrações, ordena que as certas jamales sejam escritas à maquina porque isso indicaria um americanismo deploravel: as missivas, — de amor ou de descompostura, de negócios ou de pedincha — devem ser todas manuscritas...

...Mas aqui é que a minha sede de algo de nuevo fica perfeitamente entregue à maior, à mais atroz das desolações!... É à mão, sr. De Fouquières! É à mão que a minha criada escreve ao civico dos seus sonhos a dizer-lhe que pode vir às tantas buscar o petisquinho que ela lhe arranjon para lhe confortar as visceras e basear o grande amor que lhe tem!... Decididamente este mundo dá vontade de morrer!

ROSA TIRANA.

COMO DEVEMOS RESPIRAR

Todo o processo da respiração depende dos musculos que regulam os movimentos dos pulmões e para que seja possível obter-se uma respiração correcta bastará portanto regular o seu funcionamento de maneira a fazer com que os pulmões possam obter uma maior expansão e absorver assim uma maior quantidade de ar.

Para que a respiração seja absolutamente completa e uma quantidade máxima de ar penetre nos pulmões e seja distribuída por todas as suas partes, basta regular os movimentos respiratórios da maneira seguinte:

1.º Em pé ou sentada, o busto em posição vertical e respirando pelas fossas nasais, inala-se o ar com força enchendo primeiro a parte inferior dos pulmões, o que se obtém movendo o diafragma que ao descer exerce uma ligeira pressão sobre os órgãos abdominais e impele a parte fronteira do abdomen.

Em seguida fazendo levantar as costelas inferiores, o esterno e o peito, enche-se a região média dos pulmões.

Se depois avançarmos e elevarmos a parte superior do peito, o ar passará para a parte superior dos pulmões, contraindo o abdomen.

A primeira vista estes movimentos parecerão complicados e difíceis de realizar mas com um pouco de prática poder-se-há com a maior facilidade efectuar este exercício numa acção continua e regular tentando evitar sempre as inalações bruscas e violentas que causam sempre cansaço.

2.º Sustentar a respiração durante alguns segundos.

3.º Exalar muito devagar mantendo o peito em posição firme, fazendo reetrar um pouco o abdomen e levantando-o lentamente à medida que o ar deixa os pulmões. Quando o ar está completamente expulso deixar à vontade o peito e o abdomen.

Tais são os três tempos em que deve ser regulada a respiração e com alguma prática estes movimentos efectuar-se-hão quasi automaticamente.

Por este processo todas as partes do pulmão funcionam e distendem-se em todas as direcções.

Depois de conseguir realizar este exercício com facilidade, poder-se há regular os tempos da inalação e expiração segundo as pulsações cardíacas, contando seis pulsações para a inalação, três pulsações para a retenção do ar no peito, e seis pulsações para a expulsão do ar seguido de um período de repouso de três pulsações.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



(Modelo a que se refere a nossa Carta de Paris)

OS PRODUCTOS DE BELEZA APRESENTADOS POR VOGA SÃO OS MELHORES E MAIS EFICAZES

Ayuntamiento de Madrid



AS MODAS EM VOGA

A AMORÁVEL,
DELICIOSA E BE-
NÉFICA DITADU-
RA DOS BÉBÉS...

A INDUMENTÁ-
RIA DUM ALE-
GRE DITADOR
DE CUEIROS...

QUANDO um filho nasce (esta observação é velha como a humanidade) tudo se transforma; como que tudo se ordena na família. O pai pode ser até aí um insensato, passando as noites longe do lar; a mulher pode ser uma frívola, uma distraída, deslumbrada pelas galas mundanas; a futura avó pode andar já qüesilenta dos anos. Surge o neófito, surge o pequeno ditador e tudo entra na ordem.

A mãe compenetra-se insensivelmente dos seus

Todos lhe reconhecem o seu «direito de mandar».

Qual é a ama que não diz que o «menino quer mama» ou então que «o menino não quer estar senão ao colo?»

Exponataneamente, sem que ele tenha outra atitude que não seja a de sorrir ou de chorar, todos lhe reconhecem o querer, o direito soberano do seu «querer».

A hora é das direitas, dizem os políticos, e ele é um chefe.



A PROPÓSITO DE LIVROS

CESTO DE CRAVOS, QUADRAS POR
LUÍS SACRAMENTO — CONTOS LIGE-
ROS, PELO DR. BRITO CAMACHO.

DE *Cesto de Cravos* titulóu o sr. Luís Sacramento o seu primeiro livro de versos a que o crítico sr. José Agostinho antepôs algumas esperanças palavras de apresentação. É na verdade um cesto de cravos a brochura em questão, cravos quasi todos eles simples, humildes, mas rescendendo um perfume tão discreto e suave, tão cheio de modestia que logo dispõe bem o leitor, — em geral enfadado de versos. O sr. Luís Sacramento é muito moço, segundo parece, mas os seus versos, ingénios, denunciando influências inevitáveis, são contudo uma promessa que cumpre acarinhando sem lisonjas nem demasiados encontros: são dum principiante mas dum principiante que poderá ser alguém no dia em que maior ponderação e mais afeito ao trabalho de lima possuir na sua arte. O maior elogio que podemos fazer ao *Cesto de Cravos* é transcrever para aqui as quadras — o livro é todo em quadras — que conseguimos salvar da apertada joieira a que as submetemos:

*O alma que tanto sobes,
Alma que tanto rastejas,
Por mais que subas e desças
Não chegas aonde desejas!*

*As vezes ouço dizer
Que na ausencia morre o amor.
— Mas quando a fogueira é grande,
Vento de longe é o pior!...*

De há muito que o sr. dr. Brito Camacho tem os seus créditos garantidos: como jornalista foi dos melhores do seu tempo, e está na memória de todos, adversários e amigos, o que foi esse jornal *A Luta*, pelo mesmo senhor dirigido durante muitos anos; como prosador e contista também as suas obras lograram um acolhimento que não foi de favor mas sim de plena justiça. A maneira muito especial deste homem de letras de Portugal, sarcástica, irônica, pondo sempre uma nota de riso — talvez amargo, quem sabe! — em quanto escreve, é inconfundível, distingue-se à légua. Tudo lhe serve para um comentário ou um desenvolvimento risonho: uma anedocta, um episódio ligeiro, a leitura duma local; no íntimo lá está o jornalista de verdade e de escola antiga, da escola, hoje infelizmente desaparecida, de Arelieu Scholl e dêsse desventurado Câmara Lima, que o sepulcro dá pouco tempo trago. E o livro que temos presente não vem por forma alguma desmentir o apreço em que tínhamos o escritor. Os *Contos ligeiros*, na sua maioria risonhos comentários à margem da vida, foram em tempos publicados na *Luta* e reflectem uma personalidade de jornalista por demais conhecida de amigos e adversários. O sr. dr. Brito Camacho poderá não ter razão no que diz: o que tem é graça, uma graça amarga, de quem muito viu e não acredita na bondade do homem. Irreverente, sarcástico, sem contemplação, às vezes livre no apresentar e criticar dum episódio, é possível que o livro *Contos ligeiros* irrite muita gente... Mas, o que ninguém poderá negar ao seu auctor é as reais qualidades de escritor, leve e despreocupado, que nele concorrem. Seria uma injustiça negar aquilo que afinal é por todos reconhecido e com razão!

F. M.

V O G A
Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas



O Uniforme do Ditador da Família

deveres, um novo amor, uma nova ternura, um novo horizonte amplo lhe surgem nas pequenas pupilas do recém-nado, nas suas faces rechonchudinhas, no seu corpinho róseo.

O pai, de repente sente-se homem: «Tenho que ter juízo» diz ele aos amigos, «tenho que olhar pelo futuro do rapaz».

A avó já não anda rabugenta, com receio de acordar o «seu menino», filho da filha — duas vezes filho.

E tudo, sem attritos, sem revoltas, entra no bom caminho.

É o pequeno ditador, com mão de mestre, que passa de aí em diante a guiar os destinos da família.

A jovem-mãe começa a pensar melhor os seus gastos, a poupar nas *toilettes*, a economizar o mais possível. O pai estabiliza com mais prudência os seus negócios, evita as viagens, passa a fumar menos: — é preciso construir o futuro.

Duma família desorganizada, desconexa, faz o pequenito um lar que é um modelo de virtudes.

Aqueles frágeis cinco dedos da sua rósea mãozinha sabem segurar e guiar o destino de todos os seus.

Como todo o verdadeiro dominador de povos, ele a todos os seus subditos leva a felicidade. Todos eles passam a encarar a vida por um outro prisma, pela faceta rebrilhante e perene-feliz da paz tranqüila e do pão bem ganho, em plena concordância com a saúde e a Natureza.

Para a avó, então, é um novo sol a que vai aquecer os ossos que os anos gelaram e reumatismaram. E o bebé sorri do pequeno berço — e esse sorriso enche a casa toda, embriaga de felicidade toda a família. Ainda não fala e já manda, ainda não pensa e já domina, ainda não anda e já encaminha os passos de todos os seus.

Bendita a tua ditadura, bebé loiro, bendito o despotismo azul dos teus olhinhos de safira!... Vai crescendo. Depois de «papá» e «mamã», depois de «sim» e «não», uma das primeiras palavras que aprende a dizer é «quero» — um «quero» arrevezado, na sua língua de trapos. É que o homem-criança começa cedo a querer. Mas nessa idade gentil e branca o que ele quer é que todos lhe sorriam, que todos andem alegres em sua volta.

Se a «mãezinha» tem vontade de chorar, logo a obrigará a sorrir, a obrigará a cantar — e o cantar, desde os gregos, é a melhor, a mais eficaz maneira de esquecer a dor.

E até nos criados o despotismo côr-de-rosa do bebé se faz sentir benéficamente. Todos eles amam o seu olhar azul, o seu sorriso luminoso.

As vezes porém, os bebés exorbitam um pouco. Então o papá, que lhe doi a cabeça dos «números e da escrita», ferra-lhe o seu açoite-sinho. E que o pai tem a espontânea ditadura da Felicidade e da Vida natural e simples.

Uma das coisas que mais preocupam as futuras mães é, sem dúvida, aquilo que nós chamaremos, nesta linguagem figurada com que vimos tratando El-Rei-Bébé, o uniforme do Ditador da Família. É que os Mussolinis do lar teem uma indumentária complicada e faustosa — até teem *toilettes* de gala com capa e touca de folhos.

Vindo dar aqui vários modelos do seu vestuário cumpre a *Voga* a sua missão de ajudar a mulher portuguesa em todas as dificuldades do seu lar.

A jovem-mãe pagará o seu tributo ao bebé em ternura — mas também o pagará em vestidinhos, babeiros e toucas. Como todo o homem verdadeiramente superior, ele desdenhará disso, não se importará com os seus vestidinhos, maculá-los-há de baba e outras infantilidades. Qual é, porém, a mãe que não deseja engalanar o seu filhinho em ricas cambraias e opales? Quem os não desejará cheios de rendas e fitas? Aqui tendes, pois, leitoras amigas, vários e lindos modelos. Mesmo aquelas que ainda dêles não precisem podem guardá-los para um dia...

Temos o N.º 1 que é um lindo vestido-capote em crepe da China branco, enfeitado com tule. Com o N.º 2 temos sapatinhos bordados e debruados de arminho.

N.º 3, vestido vistoso, graciosamente enfeitado com largos *ajours*.

N.º 4, lindo vestido sem mangas enfeitado com entremeio e plissados — o que lhe dá uma nota *chic* e moderna.

N.ºs 5, 6 e 7 são magníficas toucas em seda ou opale, guarnecidas de tule bordado e rendas, todas elas de um bom gosto notável.

N.ºs 8, 9 e 11 são três lindos babeiros, muito elegantemente bordados e com *ajours*.

N.º 10, é um excelente casaco guarnecido de folhos plissados nas mangas e em baixo. Completa-lhe o seu magnífico aspecto uma gola em pele de arminho.

N.º 12, camisinha em piqué, muito engraçada, bordada com pequenas bolas.

N.º 13, combinação em linon branco, finamente bordada.

N.º 14, vestido-capote em crepe da China branco, enfeitado com aplicações e tule, do que resulta um magnífico conjunto.

N.º 15, camisinha em linon, minuciosamente enfeitada com finas rendas.

E até para a semana.

MADemoiselle X.

RECEITAS DE COSINHA

ARROZ À ITALIANA

Tomem-se 200 gramas de arroz e levem-se ao lume a branquear em água temperada com sal, em seguida escorrem-se, refrescam-se com água fria e escorrem-se de novo.

Numa caçarola à parte põe-se a refogar numa mistura de molho de estufado, manteiga e batata, um pouco de cebola e salsa picada. Quando a cebola estiver loira, deita-se dentro da caçarola bocadinhos de fígado de vitela, acrescentando o molho com pingos de caldo para não pegar. Quando o fígado estiver guizado acrescenta-se o molho com mais caldo para cozer o molho que deixamos branqueado. Deixe-se cozer a fogo brando mechendo a caçarola até que o arroz fique cozido e bastante enxuto. Chegando a este ponto junte-se ao arroz uma porção de parmeão ralado.

A massa assim obtida, lança-se numa forma de banho-Maria untada com manteiga e leva-se ao lume tendo deitado na água do banho-Maria um pouco de carbonato de sódio, para elevar a temperatura da ebulição da água. Para abreviar a cozedura do pudim põem-se algumas braças sobre a tampa do banho-Maria. Depois de cozido inverte-se a forma sobre um prato e serve-se acompanhado de mais queijo parmeão ralado.

FRANGO À VENEZIANA OU «AU GRATEN»

Depois de depenado, chamoiscado e limpo de vísceras o frango, abre-se ao meio pelo dorso no sentido do comprimento ficando em duas partes iguais.

Põe-se em seguida a marinar em vinho branco, salsa picada, pimenta em pó e sal fino.

Passadas algumas horas de marinagem põe-se a cozer numa caçarola na marinada acrescentada de manteiga e caldo que se junta pouco a pouco.

Engrossa-se o molho com um pouco de farinha e, depois, dispõem-se as metades do frango numa travessa de ir ao forno, regam-se com todo o molho, polvilha-se com queijo parmeão e pão ralado, cobrem-se com bocadinhos de manteiga e leva-se ao forno até alourar o pão.

DOCE

PUDIM DE LEITE GELADO

Emprega-se os seguintes elementos:

Leite	01,5 (500 c3)
Assucar	200 gr.
Gemas de ovos	8 (120 c3)
Gelatina (Coignet)	25 gr.
Baunilha	9 b.

Corta-se a gelatina em bocadinhos, deita-se de molho em pouca água e depois põe-se em lume brando até que fique dissolvida. Esta operação deve executar-se preferivelmente numa capsula de porcelana e a banho-Maria.

Batem-se as gemas de ovos com assucar, ferve-se o leite, mergulhando nele por algum tempo um pau de baunilha e misturando-se-lhe os ovos fora do lume, para não tallarem, mexendo sempre; em seguida, junta-se a gelatina quente e continua a mexer-se muito bem para uniformizar a massa.

Passa-se a pudineira de lata em água bem fria ou queima-se-lhe dentro uma colher de assucar bem espalhada.

Em seguida, deita-se nela a massa do pudim, que só se tira depois de perfeitamente congelada.

V O G A
É uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

VOGA, APRESENTARÁ EM BREVE OS SEUS PRODUCTOS DE BELEZA

Vestido de noite em renda crua, fundo rosa, faixa em 'georgelle' do mesmo tom. Creação Rive. Foto Henri Manuel



Vestido de tarde, fundo em 'georgelle' verde-agua, bordados em cores e franjas de perlas em escala de tons. Creação Caroline. Foto Henri Manuel



Vestido em lame guarnecido de tule. Foto Manuel Freres



Vestido de tecido impresso em gris avermelhado e branco, com crepe branco plissado. Creação Philippe el Gaston. Foto Manuel Freres



Vestido de noite em crepe 'georgelle' dourado, bordado em seda do mesmo tom. Creação Philippe el Gaston. Foto Manuel Freres

Capa em selim negro encrustado de flores de lame, ouro e prata e varios cores. Creação Caroline. Foto Henri Manuel

Vestido de baile verde jade bordado com perolas prateadas. Creação Caroline. Foto Henri Manuel



Casaco de meia estação em 'charmelaine' preta, virados em 'casha' natural e cereja. Creação Cetyl. Foto Henri Manuel



'Bangkok' em beige enfeitado no mesmo tom. Creação Marthe Riviere. Foto Henri Manuel



Vestido de baile em selim preto e rosa, 'motivo' e bordado em perlas prateadas. Creação Caroline. Foto Henri Manuel



Vestido de baile em 'georgelle' turquesa bordado em perolas rosa e turquesa. Foto Manuel Freres



Vestido em musselina verde-jade com faixa em 'tulle' do mesmo tom. Creação Cetyl



Saida de baile em veludo verde amendoa, guarnecido de renda dourada. Creação Felix Dupony. Foto Henri Manuel

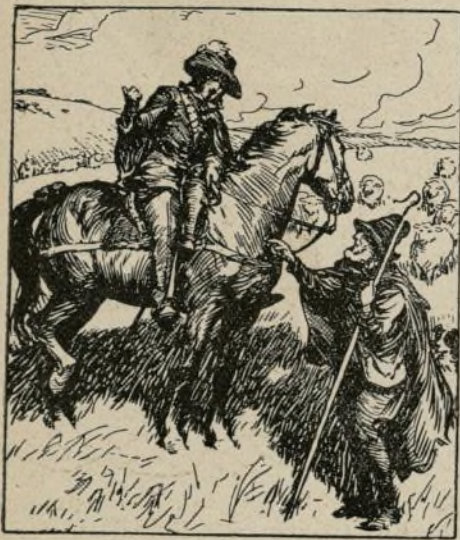
O CAVALEIRO
E O MENDIGO

CAVALEIRO — disse o velho mendigo apoiando-se ao bordão — há na vida sempre dois caminhos a seguir. Um conduz à Felicidade, outro, à Desventura.

Esse que me pergunta, ignora-o. Não sei, nunca nele ouvi falar. Nem conheço tampouco a donzela dos cabelos de ouro e olhos de esmeralda. Se a Felicidade está na riqueza, posso garantir-lhe, cavaleiro, que essa donzela fará talvez a sua felicidade. Deve, pelo menos, valer tanto quanto peza. Mas deixe-me prevenir-lo desde já de que o caminho para o seu palácio deve ser longo, semeado de perigos e ciladas. O caminho para a Felicidade é sempre mau e comprido; para a Desventura, curto e fácil.

Era ao cair da tarde. As palavras do mendigo, ali na charrua, onde apenas soavam a espaços, os chocinhos de um rebanho, tinham uma estranha ressonância. Rodrigo encarou o velho, por momentos. Dir-se-ia estar na presença de um desses octogenários, meio filósofos, meio mendigos, de que nos falam antigas lendas que se contam junto da lareira quente e crepitante, quando a invernia anda desenfreada lá fora, na noite escura.

O cavaleiro não sabia que decisão tomar. Circumvagou a vista. A planície, à hora branda do crepúsculo, parecia-lhe mais vasta e misteriosa. Meter ao acaso durante a noite, através do desconhecido, era uma temeridade. Aconselhava-o o bom senso a que ficasse por ali, que não devia estar longe de povoado e o velho deveria saber onde acotitar-se. Algo lhe segredava também que partisse, que mandasse o bom-senso ao Demo e encomendasse a alma a Deus. Um cavaleiro, de boa estirpe,



habitado a lutas de um contra dez, acostumado a ver, sem desânimo, a morte roçar-lhe pela frente, não deveria hesitar. A hesitação é o começo de cobardia; no combate é o início da debandada. Acoitar-se ali perto seria um princípio de renúncia que sua consciência repelia com nobreza.

Mas lá vinha novamente o patife do bom-senso, com péssimos de lá, puxar-lhe pela manga do casaco e murmurar-lhe:

— Cuidado, cavaleiro, cuidado... A charneca está infestada de salteadores, fortes e aguerriados como exércitos. Pelo silêncio da noite, por muito longe que vos encontreis, eles notarão o trote do cavalo na relva fofa e o tilintar das moedas de ouro na vossa bolsa. Virão, na sombra, espíritos os vossos passos e, quando menos o esperardes, aí vos tendes a contas com duas ou três dezenas de bandidos. O vosso brio é forte, a energia inquebrantável; mas brio e energia não podem contra o impossível. Há cobardia e há prudência. Ficar aí, no povoado próximo e aguardar, nem que seja no palheiro onde a montada durma, o nascer do dia, é um acto de prudência que mal não fica a um cavaleiro da vossa estirpe.

O mendigo já ia a afastar-se a caminho do povoado quando Rodrigo o chamou. Queria que o pobre velho resolvesse o seu problema de consciência.

— Diga-me, homensinho — pediu-lhe o fidalgão — que faria no meu caso: aventurar-se-ia, pela noite, para longes terras, talvez mais próximas da donzela cujo encanto lhe enchesse o coração, ou quedaria por aí, como um cobarde, em seguro abrigo?

— Creio, cavaleiro, — respondeu-lhe o velho — ter-lhe dito tudo o que sabia e poderia dizer quando me pediu que lhe indicasse o caminho da Felicidade. Agora pede-me um conselho. É muito, é demasiado para as minhas posses de mendigo. Se me pedisse dinheiro, talvez encontrasse no meu alforge alguma moeda insignificante e dava-lha. Um conselho é riqueza que nem todos possuem para dar.

— E quanto queres tu por um conselho? Pedes velho: vende-mo, pagar-te-hei quanto me pedires — disse-lhe Rodrigo, de má catadura.

O pobre pedinte sorriu um misterioso sorriso e tornou-lhe:

— Um conselho, se o tivesse, não o venderia. Guardá-lo-ia para mim. Não há palácios de mármore, não há donzelas de olhos de esmeralda, não há tesouros de reis que valham um simples conselho. Quantos imperadores, quan-

HISTÓRIAS PARA GENTE MIÚDA

O REI, A RAINHA E O VEADINHO

ERA uma vez um rapazinho que tinha uma irmã muito novinha e linda como os amores. O rapaz um dia convidou a irmã a ir dar com ele um passeio e, tomando-a pela mão, saiu com ela de casa, pondo-se ambos a caminhar, a caminhar, para muito longe da casa de seu pai, porque a pobre da sua mãezinha morrera havia tempos e a madrasta era má como as cobras, tratando muito mal os infelizes enteados.

A certa altura do passeio, já ambos os irmãos iam muito longe, o rapazinho sentiu muita sede e, deitando-se no chão, começou a beber da água dum ribeirinho que por ali passava. Mas a madrasta, que era bruxa, tinha enfeitado a água do ribeirinho... De maneira que, mal o rapazito começou a beber, ficou logo transformado num veadinho! A irmã, quando viu isto disse:

— Descansa, meu querido irmãozinho, descansa que eu nunca te abandonarei: hei-de viver sempre, sempre contigo!

E tirando um cinto dourado que levava, pôs-lho à roda do pescoço, e com ele o foi guiando. Tempos depois chegavam a uma cabana que não tinha dono: entraram, a menina tratou de arranjar de comer para o irmão e depois de o ver satisfeito e de o acariciar, encostou-se a ele e, fazendo almofada de uma das suas patinhas, ficou a dormir.

Poucos dias depois ouviu-se no bosque uma buzina de caça: andavam por ali caçadores e o veadinho, coitadinho, andava lá fora, sabe Deus em que perigo!

— Ouve irmãozinho do meu coração: é melhor não saíres... E se teimares em sair eu não abro a porta a ninguém: tu fecha-la à chave e quando voltares bate à porta dizendo: «Irmãzinha, deixa-me entrar!»

Passaram-se três dias assim e, em certa ocasião, o veadinho perseguido pelos caçadores, fugiu a bom fugir, até que os caçadores foram ficando para traz todos, menos um que o seguiu de perto. O veadinho numa carreira, dirigiu-se para a porta da cabana aonde estava a irmã, e batendo disse:

— Irmãzinha, deixa-me entrar!

O caçador que vinha perto já, ao ver e ouvir isto ficou espantado como os meninos podem pôr na sua ideia. Foi logo dali contar ao Rei tudo quanto tinha visto e ouvido e daí a pouco o Rei, sózinho, sem cães nem caçadores, dirigiu-se para a cabana e batendo à porta, disse:

— Irmãzinha, deixa-me entrar!

A porta abriu-se e apareceu a linda menina irmã do veadinho... A pobre menina ficou muito assustada quando viu diante dela um homem em lugar do veadinho... Mas, o Rei disse-lhe que se não assustasse, beijou-lhe a linda mãozinha e pediu-lhe que o acompanhasse ao palácio e casasse com ele. A linda menina aceitou, mas pôs como condição, para ser esposa do Rei, que levaria consigo o veadinho. O Rei disse logo que sim e chegando ao palácio

O VINHO E A FIDELIDADE

AFIRMOU-SE, durante muito tempo, que as mulheres, fazendo-se escritoras, não trariam à literatura nenhuma novidade. Eis uma opinião que carece de fundamento e de justiça, pois só a circunstância das mulheres terem invadido a literatura, constitui já uma novidade, visto que, anteriormente, ela não passava duma função desempenhada apenas por homens.

Houve ainda quem imaginasse que as mulheres se entregariam unicamente à narração, pueril e romântica, de paixões irreais e de vãos, quiméricos e mórbidos estados de alma.

Os desmentidos não tardaram, eloquentes e abundantes.

Ainda há pouco uma escritora publicou um volume grave, compacto, em que são estudados os méritos espirituais dos vinhos franceses. Segundo a autora da obra, cada vinho possui um poder oculto. O da Alsácia, por exemplo, tem a propriedade, sobremaneira estranha e preciosa, de infiltrar, no coração das mulheres, a fidelidade.

Se os alsacianos do sexo masculino acreditarem nesta estranha teoria, os vinicultores daquela província francesa tem, além do consumo assegurado do vinho, a possibilidade de

tos mercados riquíssimos que podem comprar as jóias mais raras e as mulheres mais belas o teriam comprado — o bom conselho — se pudessem!

Rodrigo sentia-se vexado ante a dialética do velho. A noite começava a envolver em sombras espessas os séres e as coisas. Havia em torno uma quietude dormiente e impregnada de mistério.

— Salve-o Deus, tiozinho!

— Salve-o Deus, cavaleiro!

E o ginete, veloz como o vento, levou o cavaleiro andante, que a noite como imensa e sinistra gnela tragon num momento.

Na charruca só ficou o mendigo a olhar a noite por muito tempo.

MÁRIO DOMINGUES.

ATRAVÉS DO
TELEFONE

Querida amiga:

ONTEM de manhã, encontrava-me eu naquela vaga sonolência que antecede o despertar quanto retinha a campainha do telefone. Ouvi perfeitamente o retinir longínquo, mas não acordei. Não sei se já notaste que o nosso pensamento, quando nos envolve a modorra branda e morna, adquire uma agilidade fantástica. Aquele retinir fez enveredar meus sonhos por sendas poéticas e aquele som desesperado, através do sono, transformou-se no gorgoejo de aves numa floresta sombria rodeada de mistério. Sim, eu encontrava-me perdida numa floresta onde, apesar de não se notar um único vestígio da passagem de qualquer criatura humana, nenhum recio me assaltava. Lembrava-me de que o bosque cerrado deveria ser habitado por feras perigosas; vi mesmo com os meus próprios olhos panteras agéis de corpos listrados passarem velozes numa restolhada sinistra entre a vegetação luxuriante; mas nem por isso o meu coração palpitou mais forte na iminência do perigo! Estava tranqüila, como as aves que, saltando alegres nos ramos altos, chilreavam com grande alarido. O chilreio era constante, persistente... Era a retinir do telefone. Foi Teresa, a criada, quem mo veio dizer, senão eu, dormindo sempre, não o acreditaria.

— Chamam-na ao telefone — disse Teresa, acordando-me brandamente.

Semi-ergui-me do leito, de olhar assombrado por aquela súbita transição do sonho para a realidade e apoderei-me do aparelho.

— Está lá?... Está lá?...

Era a Maria Cândida que me falava. Pareceu-me notar na sua voz uma leve tremura de emoção.

— Há alguma novidade? — inquiri.

— Há e não há — respondeu ela, hesitante.

— Aconteceu alguma desgraça para assim me chameares a esta hora da manhã?... Olha que ainda estava dormindo...

— Não, não houve desgraça... Mas, não sei como explicar-te... É que eu fui dar hoje de



manhã muito cedo um passeio de aeroplano com meu marido...

— Delicioso...

— Sim, delicioso... Era ele quem guiava o avião... O Alvarinho, nosso filho também foi. Estava uma manhã linda, linda...

— Voaram por muito tempo?

— Uns três quartos de hora, que me pareceram três séculos... Meu marido levou-nos depois Barra fora para o oceano. A torre do Bugio lembrava um pudim sobre uma grande toalha verde. Sobre o oceano pairamos por muito tempo. De súbito, meu marido teve um movimento de ombros que lhe é peculiar quando está contrariado. «Aconteceu alguma coisa?» perguntei-lhe. «Nada, não é nada...» respondeu. Mas, Graziela, o meu coração sobressaltou-se. O motor do aparelho não trabalhava. Rodeávamos um grande, um imenso silêncio. Compreendi tudo. Era uma panne.

Alvarinho saltou de súbito uma risada e, apontando com o dedo minúsculo um ponto no horizonte, exclamou: «Papá, um navio, tão pequenino!...» O pai não lhe respondeu. Em vãos planos, em largas espirais, o avião descia, como uma ave gigantesca ferida de morte. «É tão bom andar de aeroplano!» exclamava Alvarinho. Eu não tinha ânimo para lhe responder, a voz afogava-se-me na garganta. A morte era certa.

Pensei na vida com saúde. Evoquei a figura de minha mãe. Via-a chorando... E o mar cada vez mais próximo! Já se distinguia perfeitamente as ondas irrequietas a nossos pés. Mas um ruído forte e sonoro agitou as entranhas do aparelho. O motor voltava a trabalhar. Erguemo-nos novamente na atmosfera azul, mais alto, cada vez mais alto, sempre mais alto, porque lá em cima estava a salvação. E depois foi uma corrida louca até à aterrissagem.

— E depois?...

— Quando a terra firme estava sob os nossos pés, meu marido, que recuperava a serenidade, ergueu Alvarinho nos braços e perguntava-lhe, como se nada houvesse acontecido: «Gostaste, meu filho». «Muito, papá!» respondeu o pequenito, enlevado. E notei que meu marido tinha as lágrimas nos olhos.

Foi isto apenas, querida Eugénia, que escutou ontem de manhã pelo telefone a tua amiga

GRAZIELA.

Nenhum toucador de mulher moderna poderá dispensar os *Productos de Beleza* que Voga vai apresentar em breve
Ayuntamiento de Madrid

BORDADOS E RENDAS

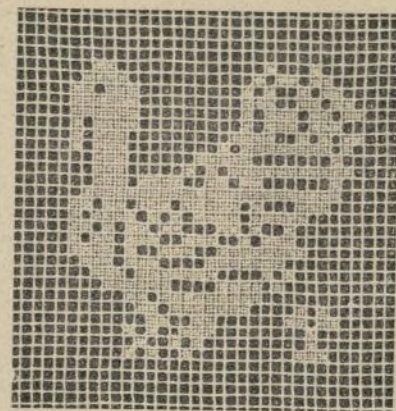
O BORDADO EM FILET

O bordado em *filet* é um dos mais encantadores e mais fáceis trabalhos femininos, principalmente pela enorme variedade de efeitos que com ele se consegue, todos eles aparatosos e lindos.

Se o bordado sobre *filet* se não divulgou e

leitoras lindos «motivos» para este mimoso gênero de trabalho.

Um deles representa uma grega sentada, olhando flores estilizadas que tem na mão, enquanto, com a outra, segura uma cornucópia. Noutro temos um lindo pombo de azas ab-



BELEZA

HIGIENE DOS LABIOS

A boca, leitoras minhas, tem sido comparada gentilmente pelos poetas às mais mimosas flores. Chamam-lhe uns cravo vermelho, outros botão de rosa. Há quem a compare a uma braza viva e linda, há quem lhe chame ferida feita por um punhal ensanguentado, outros morangos, outros cerejas. As mais variadas imagens dos mais variados engenhos lhe tem sido atribuídas, todas para a enaltecer, todas para lhe acender luzes no seu altar de beleza.

Na boca se concentra, muitas vezes mais ainda que nos olhos, a beleza máxima da mulher. Uma boca cerrada, fala mais alto, quantas vezes, que a própria garganta. Ela diz tudo, todas as dores e alegrias, todos os despeitos e todas as ternuras, todas as cambiantes de sentimentos humanos.

Quando se aguçam num beijo, quando se franze num amuo, quando se torce de dor, quando se distende na alegria do riso, a boca exprime, reflectidos, os mais íntimos sentimentos da alma.

Há bocas deslumbrantes, há-as que são pequenos corações. Quasi todas falam mais verdade quando estão cerradas do que quando se abrem e falam alto. É que a boca fechada, quando é pequenina, tem a forma do coração — e ninguém mente quando tem o coração na boca. Se a abre e fala, desmancha-se o coração — pode mentir à vontade.

O papel primordial que tem a boca na beleza feminina merece uma especial atenção e cuidado no seu tratamento. Mais tarde falaremos nos dentes. Por agora trataremos apenas dos lábios.

Não é agora ocasião de se falar em pinturas e batons. Isso é a beleza emprestada.

Falemos no tratamento racional dos lábios. O ar modifica pela sua acção a forma dos lábios, principalmente quando se apanham grandes ventanias, produzindo-lhes escoriações, grêtas e crierio. Também em seguida a uma noite de insônia ou febre isso acontece muitas vezes. Convém para esse caso usar a seguinte pomada:

Mel rosado.....	300 gramas
Ratania.....	80 »
Cera Virgem.....	20 »

O efeito é rápido e seguro, cicatrizando os lábios e retemperando-os das excessivas frialdades atmosféricas ou das noites mal passadas.

Uma cor de lábios brilhante, sem ser exageradamente viva, contribui duma maneira evidente para a beleza e atracção femininas, não se necessitando para isso de recorrer a certos «batons», quimicamente mal preparados, que estragam os lábios, crestando-os e tornando-se depois necessário usar sempre quaisquer outros para ocultar os estragos produzidos na tão delicada pele que cobre os lábios, além da lenta intoxicação que certos productos, preparados sem consciência, produzem em quem os usa.

Para manter os lábios saudáveis e belos convém usar amiudadamente o seguinte preparado:

Óleo de amêndoas.....	500 gramas
Cera.....	60 »
Espermacete.....	60 »
Essência de rosas.....	2 »
» de joio.....	2 »
» amendoas amargas.....	7 »

Esta pomada é branca e pode usar-se largamente sem receio.

Quem a preferir rosada, tornando portanto mais naturalmente coloridos os lábios, deve juntar a essa receita mais 60 gramas de raiz de alfeneiro. Macera-se essa raiz antes de juntar as essências; depois de a agitar todos os dias durante uma semana e de filtrar, juntam-se-lhe as essências.

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND



até há pouco não tinha conseguido o alto lugar que lhe pertence por direito de beleza, deve procurar-se a causa na enorme dificuldade que até há pouco existia na confecção do *filet*, que há muito pouco tempo era feito pacientemente à mão.

Disso resultava ser o *filet* extremamente demorado e quando a bordadora o ia executar já estava fatigada da monotonia extenuante de alguns metros de tecido constituído por malhas e nós.

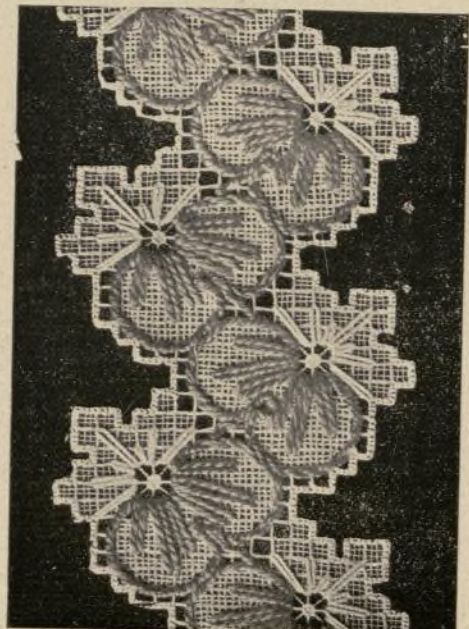
Desde, porém, que se começou a fabricar mecanicamente o *filet*, esse tão belo bordado salientou-se e firmou a sua realza entre os mais belos trabalhos femininos.

Todos os modelos que nós damos podem ser executados em *filet* adquirido aos metros. Esse *filet* encontra-se facilmente com malhas de todas as medidas necessárias e convenientes, devendo nós salientar que esse *filet* se caracteriza pela regularidade das malhas, de que resulta um trabalho perfeito.

Quando as malhas são miúdas pode fazer-se desenhos com grande abundância de curvas, devendo nós notar que estas saem tanto mais perfeitas quanto maior for o seu tamanho em relação ao tamanho da malha.

Mesmo em trabalhos pequenos, desde que o desenho aproveite bem os pequenos quadros do *filet*, resulta um encantador sistema de pequenos quadros conjugados e dum efeito encantador.

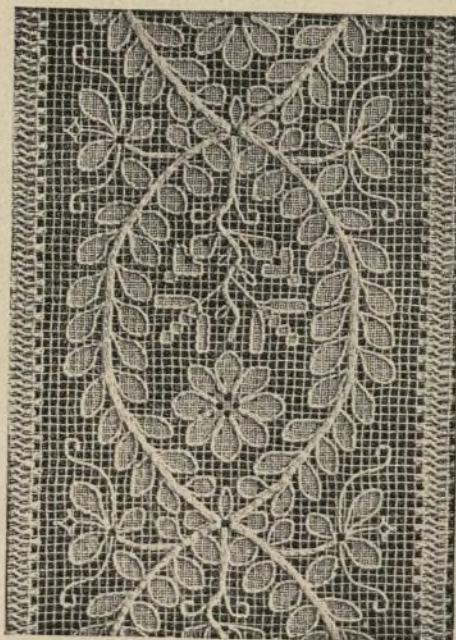
Nos modelos por nós dados tem as presadas



tas; num terceiro um faustoso Perú de leque armado.

Um quarto modelo representa um trecho de magnífico entremeio para ser feito em *filet* miudinho, todo formado por grinaldas de pequeninas folhas, completadas por flores.

O último modelo é dum excelente efeito, pois é conseguido contornando as folhas redon-



das com linha de cor, azul ou creme, por exemplo.

Os pontos empregados no bordado em *filet* são de tal maneira divulgados e fáceis que tornam desnecessária uma explicação.

O sem número de aplicações deste trabalho facilmente fará compreender às nossas leitoras a razão dos variadíssimos modelos que sobre ele damos e mais ainda daremos para que as nossas leitoras e assinantes obtenham uma colecção o mais completa possível, do que de melhor e mais seleccionado houver sobre o assunto.

O nosso maior desejo, que tão exuberantemente vemos amparado e incitado pelas nossas gentis leitoras, é fornecer-lhes a melhor e mais completa selecção do que de mais artístico e perfeito possa haver em assuntos femininos. As inúmeras e inofensíveis demonstrações que nos tributam, quer por carta, quer procurando-nos pessoalmente, fazem com que demos por profícuo o nosso esforço nêsse sentido.

UTILIDADES

SEGREDOS DOMESTICOS

A batata crua é uma das melhores substâncias para tirar as nódoas de fruta, ou de de ácido, das laminas das facas ou de qualquer utensílio de aço.

Uma «mão cheia» de carvão de sobro pulverizado e colocado nos lugares mais húmidos de uma casa, poderá evitar com a maior facilidade o aparecimento de fungos ou bolor nesse sítio.

A mobília de nogueira fica como nova quando é limpa com um pedaço de flanela humedecida em petróleo.

Um pouco de chá preto bem forte e frio, misturado com água quente e tendo-se humedecido com ele um pedaço de lã bem macia, poderá servir para restaurar a mobília, limpando-lhe as nódoas maiores e dando-lhe uma frescura e um brilho como se fosse nova.

Se se entornar chá numa toalha, basta pôr sobre a nódoa uma porção de sal e deixá-lo assim durante meia hora. Ao lavar-se a toalha, verificar-se-há que a nódoa desapareceu completamente.

Os utensílios de cozinha, em folha, tais como: bules, cafeteiras, panelas, colheres baratas, etc., poderão ser com a maior facilidade branqueados como novos se se fizerem ferver durante alguns minutos numa solução forte de soda e água.

Quando se compra uma esponja nova, não se deve usá-la imediatamente. Para aumentar a sua duração, deve-se embebê-la durante alguns dias em água muito pura, de preferência da chuva, e espreme-la repetidas vezes, para assim lhe extrair toda a terra arenosa que, de ordinário, se encontra impregnada e mais tarde contribui para a cortar.

Uma solução magnífica para obter um bom resultado consiste numa mistura de quinhentas gramas de carbonato de soda dissolvido num litro de água morna (não quente).

A esponja deve ser deixada dentro desta solução durante um dia inteiro e depois mergulhada em água fria, ficando assim a sua duração garantida pelo triplo do tempo que não chegaria a durar se estas precauções não fossem devidamente tomadas.

As nódoas de lama nos chapéus de chuva, saem facilmente aplicando-lhes um pano humedecido em álcool desnatado.

As nódoas de alcatrão limpam-se colocando-lhes em cima um pedaço de toucinho bem limpo e lavando-as em seguida com sabão de sêda e água quente.

Para que possa engomar-se melhor, a gôma deverá ser misturada em água de sabão porque assim o ferro deslisará com maior facilidade.

Os bolos e pudins não se poderão queimar se as prateleiras do forno forem previamente polvilhadas com sal.

Um pedaço de renda velha é sempre o melhor utensílio para lavar toda a qualidade de pinturas. É igualmente esplêndido para limpar o papel das paredes esfregando-as levemente de cima para baixo, e neste caso o pedaço de renda deve evidentemente estar perfeitamente seco.

As manchas de dedos ou quaisquer outras sobre madeira envernizada, saem rapidamente se as esfregarmos com um pedaço de flanela embebido em petróleo.

Uma porta da rua empoeirada pode ser limpa da mesma maneira. Basta esfregá-la primeiro com uma flanela embebida em petróleo e puxar depois lustro com um trapo de linho.

Para evitar que os capachos escorreguem sobre o asfalto ou soalho polido quando sobre eles limpamos os pés, basta debruá-los com uma fita estreita de borracha obtida de uma velha câmara de ar de automóvel ou bicicleta.

O QUE NÓS PRETENDEMOS
VOGA Não pretendemos ter lucros materiais com o SALÃO DA ELEGANCIA & ARTES DECORATIVAS: pretende, sim, realizar um espectáculo europeu.

O MAIOR INIMIGO DAS RUGAS

é o Crème n.º 32 d'ORCEL. Amacia e aveludado persistentes. É insubstituível para evitar a **FORMAÇÃO DAS RUGAS**. Não faz crescer os pêlos como sucede com a maioria dos Crèmes. — Preço 9\$00 esc., pelo correio, 10\$00.

CRÈME IMPÈRIA D'ORCEL
PARA FIXAR O PÓ D'ARROZ
Não intóxica a pele, nem a faz
lúrida e untuosa
SUPERIOR AOS MELHORES
Preço 10\$00 esc.; pelo correio 11\$00
**LABORATÓRIO ORCEL — Rua Ba-
rata Salgueiro, 31, 3.º — Lisboa**

Grafologia

Para obter os característicos grafológicos de qualquer pessoa basta enviar a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

um envelope contendo o documento ou documentos que se desejam submeter à análise, com a quantia de — Um escudo — em papel-moeda ou estampilhas postais por cada consulta. O verdadeiro nome ou morada do cliente, só são necessários se se deseja a devolução dos

AS SENHORAS DAS AVENIDAS NOVAS prefiram, para corte de cabelo, o gabinete do **SALÃO ARTE NOVA**, AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 72, onde serão atendidas por um artista especializado.

documentos enviados, devendo neste caso ser também incluído um envelope devidamente estampilhado e endereçado.

Sempre que as conclusões ou o resultado da análise não correspondam à expectativa dos nossos clientes ou resultem aparentemente erróneos, rogamos encarecidamente que, com a maior sinceridade e sem qualquer receio de susceptibilizar a nossa competência, nos apontem os desacordos mais evidentes segundo o critério das pessoas interessadas.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as Ex.^{mas} consulentes da *Voga* reender estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand*, mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

Só serão enviados pelos correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

N.º 455 — *Solidão* — Lisboa — Tenacidade decidida e inquebrável, mas que só lentamente se desenvolve numa obstinação pesada e prudente. Todos os traços do documento enviado demonstram a posse de uma natureza extremamente sincera e natural, sem que, todavia, já-mais assumia qualquer aparência prejudicial à sua situação. Sabe assim ser discreta e «con-

Lave, ondule e
corte o seu
cabelo
na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA
AVENIDA, 35



Jemalt

„Posso afirmar que a eficacidade desta preparação deixou-me verdadeiramente admirado.“

„Pode-se mesmo dizer que foi uma sorte ter conseguido apresentar o óleo de fígado de bacalhau, tão repugnante, mas dum alto valor biológico, em forma de pó saboroso.“

„O Jemalt é uma descoberta destinada a obter um brilhante sucesso.“

„O Jemalt é dum gosto tão agradável que as crianças a quem o tenho prescrito ficam simplesmente contentíssimas.“

Todas as crianças raquíticas e escrofulosas deveriam fazer todos os invernos uma cura d'óleo de fígado de bacalhau. Até agora, este desideratum era quasi impossível de conseguir em virtude da aversão que a maior parte dos doentes experimentam pelo óleo de fígado de bacalhau e as preparações com base no mesmo.

Nós tivemos a boa fortuna de poder oferecer às crianças o óleo de fígado de bacalhau sob a forma activa e agradável.

Os paes que não conheçam ainda o Jemalt poderão receber gratuitamente uma amostra.

O Jemalt vende-se em todas as farmácias e drogas ao preço de 22\$00 a lata.

Dr. A. Wander S. A., Berne



ALVES & C.ª (IRMÃOS)
Peço o favor de me enviar franco de porte uma amostra gratuita de Jemalt.
Nome: _____
Rua: _____
Logar: _____

Sem o gosto desagradável nem a forma oleosa do óleo de fígado de bacalhau.

venientes», sempre que tanto não é necessário dizer.

Muito lamento a demora na publicação do resultado desta análise, mas a afluência de consultas não me permite, assim, uma maior brevidade nas respostas, que aliás estão também muito dependentes da falta de espaço reservado a esta secção.

N.º 456 — *Eleonora* — Souzel — A ausência de simplicidade e de naturalidade, criando uma atitude afectada que, por vezes, chega até a transformar o meio onde a nossa actividade se exerce num palco ridículo, constitui, infelizmente, um dos defeitos mais comuns nas minhas, aliás sempre bondosas e atraentes, compatriotas: as portuguesas.

O grafismo desta quadra, revela-me assim a posse de excelentes qualidades morais; a bondade, a afectividade sempre sincera e correcta, mas... lamentavelmente surgem também neste grafismo a tendência para a exterioridade demasiada cuidada, que sempre se traduz numa afectação pouco natural, com prejuízo de todos os demais dotes.

Porque não há-de, pois, Eleonora, adoptar essa naturalidade simples e despresticiosa que constitui o «charme» misterioso de algumas estrangeiras que, aliás, só raramente são dotadas de tão belas faculdades atractivas como as filhas de Portugal, sempre eleitas entre as primeiras?

N.º 457 — *Uma que aprecia a Rey Colaço* — Ainda que este grafismo peque também um pouco pelo defeito que tão rudemente revelei na consulta antecedente (N.º 456) verifico, porém, que a sua vontade é suficientemente forte para manter a sua atitude rígida e distante de qualquer sombra de ridículo.

Uma grande impressionabilidade, cautelosa-

mente dissimulada, constitui também um dos característicos mais evidentes neste grafismo. Mas esta faceta do seu personalismo não poderá ser tida em conta de prejudicial à manifestação das suas boas qualidades, porque trata-se de... valorizar os seus dotes físicos.

N.º 458 — *U. Q. G. D. Careca* — Infantibilidade de tendências e impressões. Afectividade impressionável, a que não é estranha também uma parcela de «má genio» quando, porventura a força das circunstâncias inevitáveis impede o bom sucesso dos seus fins em vista.

Para além dos seus traços entrevê-se um pouco nebulosamente a atracção para a melancolia, disfarçada por uma falsa agitação e por acessos de torpor e timidez.

Não quero também deixar de mencionar esse coeficiente muito pessoal de amor próprio, que eu não censuro porque parece constituir o seu melhor elemento de defesa em caso de... perigo moral.

N.º 459 — *Flor de Asusi* — Vontade concentrada, discreta, manifestando-se sempre pausadamente num equilíbrio ponderado e justo.

É dotada de um espírito bastante observador, minucioso até, procurando aproveitar numa cópia fiel os algarismos que, adicionados à sua grandeza pessoal, poderão, assim, dilatar o seu valor e a sua força atractiva.

De todos os grafismos apresentados neste documento, isto é, desde a consulta n.º 456, este é sem dúvida o mais equilibrado, sabendo melhor do que qualquer dos outros firmar o seu personalismo na justa pretensão de um desejo definido e perfeitamente recortado pela sua vontade.

É também extremamente frágil a forma hesitante e tímida com que impõe essa sua vontade, o que constitui um defeito que convém

A COSTUREIRA CHIQUE É SINONIMO DE ELEGANCIA E BOM GOSTO

CONFECCÃO DE:
VESTIDOS, CAPAS, CASACOS
ATENDEM-SE PEDIDOS PARA A PROVINCIA

Telefone: Norte 5678
Avenida Cinco de Outubro, 146, r/c., D.
(Esquina da Avenida Barbosa Bocage)
LISBOA

extinguir, devendo passar a manifestar, sem receio, o que pretende, procurando, assim, desenvolver a sua vontade em harmonia com os característicos pessoais da região de Portugal que habita, os Trás-os-Montes das gentes fortes, lisas e sinceras.

N.º 460 — *Yvone Marie* — É um grafismo de uma evidência extraordinária, revelando um personalismo vigoroso e de uma rigidez e complexidade dignas de um estudo bastante profundo.

É bem a «pessoa» que sabe o que quer e como muito bem quer, gravando a compreensão especial da sua maneira de interpretar a vida, de uma maneira absolutamente independente e firme com os seus princípios e decisões.

Essa manifestação desenvolve-se, por vezes, de tal maneira que, todo o seu personalismo vibra, impressionável e violento, numa altívis decida e audaz.

Todas as qualidades morais são boas, contando que ninguém ouse atravessar-se no seu terreno.

N.º 461 — *Gafanhoto* — Setúbal. — Actividade física sempre prestes a expandir-se em aspira-

PLISSADOS

ARTÍSTICOS E DE COMPLETA NOVIDADE executam-se, com esmerada perfeição, em todos os modelos parisienses Á Jour e caseados em roupas brancas

JOSÉ SILVA (Camiseiro)

173, Rua Arco do Bandeira, 1.º, E.
2.º quarteirão vindo do Rossio — LISBOA

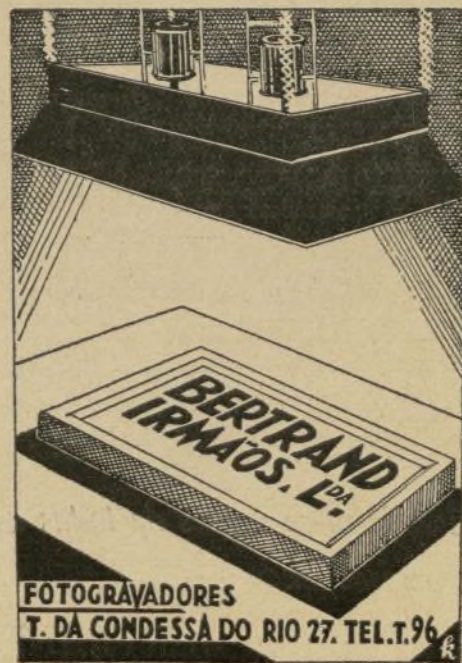
ções e sentimentos superiores e ideais, mas por vezes indecisos e hesitantes.

Um génio talvez brusco, procurando contudo dissimular os acessos mais fortes da sua vontade violenta mas sempre subordinada a um espírito bastante lógico e regado sob o ponto de vista moral.

Noto também alguns leves sintomas de uma dificuldade expressa em traduzir para um plano visível os seus ideais quasi sempre demasiado complexos para que possam ser facilmente realizáveis.

AVISO IMPORTANTE

Tomamos a liberdade de lembrar a todas as nossas Ex.^{mas} Consulentes que as importâncias devidas por cada consulta deverão ser enviadas em papel-moeda e nunca em moedas metálicas, a fim de que a correspondência não fique retida no correio. Rogamos, por isso, a todas as nossas Ex.^{mas} Consulentes que não tenham recebido o resultado das suas consultas ou não os tenham visto publicados na *Voga*, o favor de nos avisarem, a fim de poderemos reclamar as cartas que possivelmente estarão retidas no Refúgio Postal.



FOTOGRAFADORES
T. DA CONDESSA DO RIO 27. TEL. T.96

XXXII

22 de Novembro.

A única coisa que me não agrada, em Stambul, é precisamente a que encanta todos os europeus e que é feita expressamente para eles: o Basar,—Buyuk Teherchi, falando turco. Não encontro grande beleza naquele labirinto de pequenos túneis abobadados, onde se aglomeram dez mil tendas, sem haver uma que seja realmente bela ou exótica. Percebe-se demasiado, em tudo aquilo, o artifício e o ilusionismo. Quer ser Mil e uma Noites, e não passa de ópera cómica. Não obstante, em ocasião de compras indispensáveis, tem de se ir ao basar. O basar é então um recurso único. Os nossos grandes armazéns do Ocidente reúnem menor variedade de mercadorias, e o próprio senhor Carazoff não está tão bem fornecido em produtos de fabrico turco.

Passsei hontem duas horas no Basar; queria comprar objectos destinados à minha casa do bairro de Kara-Gumruk: cortinas de seda de Brussa, um biombo de mucharabi, duas lâmpadas de mesquita de cinco torcidas, e um «mangal» de cobre para acender lume; e o inverno não tarda, e já há dois dias que há geada. Por causa do mangal e das lâmpadas, bati-me contra um Arménio que, a pesar de todos os meus esforços, me deixou sem a pele. Foi um Judeu que me vendeu o biombo, que me deu também muito que fazer. A seda de Brussa, pelo contrário, pertencia a um velho Osmanli, de grandes olhos azuis sem malícia; e a transacção fez-se num momento, o mais honestamente que é possível.

Este último acto das minhas façanhas passava-se no Bezestin, que é a praça dos leilões do Basar. Precisamente nesse momento, começou a leiloar-se uma colecção de armas curdas, árabes ou persas,—pistolas damasquinadas, iatagãs em crescente e longos mosquetes com turquesas e corais engastados. Aproximei-me, e logo me seduziu um adorável punhalzinho, que mais parecia uma jóia do que uma arma. Comprei-o, e fiquei surpreendido ao verificar, quando o tive na mão, que aquêle delicado objecto com cabo de jade e lâmina tauriada a ouro e prata, era uma adaga muito séria, aguda e forte, bem capaz de matar...

A venda continuava por lotes de fatos turcos, cafetãs de todas as cores, chales, feridjés, echarpas, tcharchafes... E passou-me pela cabeça uma idéa extravagante. Eu estava com o meu guia habitual. No Basar não se pode dispensar um guia, a não ser que se queira perder muitas horas. O meu guia chama-se Astik e sabe economisar os minutos.

—Astik—disse eu—quero comprar um fato de dama turca, um fato completo.

Ele não se espantou. Os excursionistas, seus habituais clientes, já o coraçaram contra o espanto. Um quarto de hora depois, tinha eu um fato por quatro libras, dois medjidés e quinze piastras: —«preço excelente, effendim!» —Um fato nada feio, e verdadeiramente completo, incluindo a sombrinha e as pantufas.

Depois Astik, sempre imperturbável, mediu-me de alto a baixo com uma olhadela de alfaiate e afirmou que era «precisamente a minha medida».

Será também a medida de um manequim de vime, que, devidamente vestido e velado, como uma hanum, me servirá de companhia na minha casa de Kara-Gumruk.

XXXIII

Quinta-feira, 24 de Novembro

Este fim de semana arrasta-se como uma lesma...

Grande emoção, hoje de manhã, em Pêra: monsenhor Farnese, cardeal secretário de Estado, foi assassinado ontem no Vaticano. Sem dúvida, não é um acontecimento local; mas Constantinopla, metrópole das seitas do Oriente, alardeia sempre o maior interesse por tudo que seja religião. O assassinato do cardeal fez, pois, barulho.

Sedas, veludos e lanifícios por metade do seu valor

Ultimos dias da liquidação na GALERIA DA MODA

(ANTIGA CASA PERAL, L.^{da})

Rua da Prata, 82 a 86

Telefone: Central 77

Aproveitem esta ocasião excepcional de comprar barato

BREVEMENTE:

Abertura da estação de verão com as últimas criações da moda de Paris, Londres e Lyon...

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

XXXIV

A voz do rouxinol nos cimos dos ciprestes
H. DE B.

Sábado, 26 de Novembro; cinco horas e meia, à franca.

A rua que passa por trás da embaixada da Inglaterra é uma rua grega, regular e triste. Vêm-se ali algumas casas de pedra, feias, alinhadas em frente do grande muro do parque. Chove. Abaixo o capuz da minha capa e caminho ao longo do muro. Espero.

Pêra termina bruscamente na extremidade da rua: falta-nos o solo de baixo dos pés. Cavava-se ali uma ravina, profunda como um abismo. O declive íngreme, arripiado de ciprestes, desce até ao Corno de Ouro, que se vê lá ao fundo, lambendo os pés a Stambul; — Stambul da cor da noite, recortada de minaretes e de cúpulas. Esta ravina é uma floresta, medrando em plena cidade; e também um cemitério: estão ali os mais antigos túmulos de Constantinopla, à sombra de árvores quatro vezes centenárias.

Encosto-me ao parapeito, e contemplo durante muito tempo a floresta sombria, e o braço de mar por baixo da floresta, e a cidade turca para além do braço de mar. Inumeráveis gralhas volteiam entre as pontas dos ciprestes, em procura de um ramo para dormir. Uma chalrada ininterrupta sôbe da ravina. A chuva miúda ennubla todas as coisas.

...Ah! Aqui vem do fundo da rua um vestido



COLUMBIA

GRAFONOLAS : : DISCOS

As ultimas novidades em discos de OPERA, ORQUESTRA, DANÇA e REPORTORIO ESPANHOL

Agentes Exclusivos: P. SANTOS & C.^a L.^{da}

Rua Ivens, 52, 54 — Rua Garrett, 57, 59, 61

LISBOA

é um anarquista da raça vulgar dos matadores de soberanos e de primeiros ministros):

—Crime, crime, crime!—gemia madama Kerloff, na sua voz semelhante a uma trombeta, — e cobardia, cobardia! Nunca houve crime mais covarde...

Narciso Boucher, que acabava de entrar, afiou o seu sorriso de campónio manhoso:

—Ah! madama Kerloff, nós vamos ter uma questão. En acho que o patife de quem fala é, pelo contrário, um ousado aventureiro, que não sabe o que é medo.

—Senhor embaixador!

—Que não sabe o que é o medo. Sim, sim, eu sei: ele matou um pobre velho sem defesa: Farnese estava só — nem um laço — e o tiro foi dado pelas costas. Sei tudo isso... Mas o que não é verdade que Farnese estivesse só. Ao lado dele, em volta dele, havia uma guarda formidável! Havia a lei, a sociedade, os juizes, a guilhotina. E pensa que o assassino não tinha olhos? Ele viu tudo! O tribunal, as togas vermelhas, e a lâmina triangular. A pesar disso, avançou, feriu! Eh! Eh! conheço muitos duelistas atrevidos e muitos soldados valentes que riem das espadas e das balas, mas que do cadafalso virariam costas.

Alguém objectou:

—Os criminosos não pensam no castigo. Tem sempre a ilusão de que saberão evitá-lo.

—Um homem que se bate, tem sempre a segurança de vencer. Mas nem por isso deixa de ser precisa valentia para se bater — replicou Narciso, gracejando. — Em resumo eu meço a coragem dos combatentes pela pujança dos adversários. E o carrasco deu-me sempre a impressão de um guerreiro com uma largura de ombros dos diabos.

cinzento debaixo dum guarda-chuva... um vestido cinzento cujo movimento ágil eu reconheço. Saio-lhe ao encontro... Mau! parece de propósito: a rua já não está deserta; atrás do vestido, a uns vinte passos, vem também um cafetã. Mas lady Falkland viu-o. Cruza-me sem parar, dizendo-me em voz baixa: — Siga-me de longe.

Deixo-a afastar. Ela costeia o parapeito da ravina, e de repente, parece passar através dele. O cafetã, que provavelmente não se importa connosco, continua para a frente. Já não há ninguém na rua. Alcanço também o parapeito, no sítio onde se abre uma passagem. Começa aí um caminho que serpenteia no flanco da ravina, entre os ciprestes. Lady Falkland espera-me quasi invisível na sombra das árvores. Inclino-me para a sua mãozinha, arrefecida pela chuva, e poiso os lábios na abertura redonda da luva. A principio não dizemos nada. Lady Falkland tomou-me o braço, e caminhamos para o concavo da ravina, para a noite mais sombria e mais secreta. Os troncos dos ciprestes alternam com moitas cerradas: o guarda-chuva prende-se aqui e ali, torna-se embaraçoso: Lady Falkland fecha-o, bruscamente:

—Assim, vai molhar-se...

—Não me importa.

—E os seus pés! A senhora não está calçada para patinhar nesta lama...

—Não me importa.

Fala depressa. Sinto no meu braço a sua mão crispada.

—Maria...

É a primeira vez que me atrevo a dar-lhe este nome. Mas também é a primeira vez que sinto apertada contra mim, e que a noite escura nos envolve a ambos... E depois, esta voz ner-

vosa, esta mão que treme, estes olhos baixos que eu não chego a ver... tenho muita piedade dela! Quisera eu, súbito, apertá-la, embalá-la, adormecê-la para que ela tudo esquecesse, e acalmar contra o meu peito este pobre coração que oigo bater!

—Maria...

Ela respira com esforço:

—Escute...

Solta-me o braço e encosta-se a um cipreste. Levanta a cabeça e olha-me. As gralhas chalam menos fortemente por cima de nós.

—Meu amigo... ah! também esta noite não sou valente... Veja; é verdadeiramente uma quebra de dignidade tudo isto, estes pretextos, estas mentiras, esta fuga medrosa de há pouco, tudo o que fui obrigada a fazer para o senhor me encontrar aqui. Mas tem sido tão bom para mim, tem-me dedicado uma amizade tão doce! Aconteça o que acontecer mais tarde, hoje não quero ser ingrata... quero desobrigar-me, quero dar-lhe, pelo menos, o que tenho de mais precioso, toda a minha confiança... e todos os meus segredos.

Cala-se. Escuta a chuva que sussurra através dos ramos. As gralhas adormeceram pouco a pouco.

—Meu amigo... em primeiro lugar, tudo vai de mal a pior. Eles estão fartos de mim, ambos. E redobram de ódio e de insultos. Oh! eu percebo-lhes claramente o jogo. Querem irritar-me, levar-me a um escândalo, obrigar-me a fugir... Olhe, esta semana julguei que o conseguia: uma scena atroz... foi a propósito do meu filho... Aquela miserável tornou-se feroz para ele... Desde que o senhor a chicoteou tão rudemente no seu orgulho... lembra-se?... Dir-se-ia que se quer vingar no inocente... Enfim, há quatro dias atreveu-se a bater-lhe. Eu estava presente, saltei-lhe em cima. Batemo-nos quasi como mulheres do povo. Fui eu a mais forte, felizmente! Meu amigo, acredite, se eu ficasse por baixo, estou convencida de que abandonava tudo, de que fugia daquele inferno, de que desertava! De que valia ficar, se nem ao menos servia para defender o meu filho?

Cala-se. Depois, sorri... oh, que triste sorriso!

—Veja, meu amigo, não minto, bati-me. Veja os sinais!

Levantou a manga. Uma arranhadura sulca a pele, de leite e âmbar. Eu examino. Uma gota de chuva cai sobre o braço nu, que estremece, e torna a cobrir-se.

(Continúa).

UM FAMOSO ASTROLOGO

faz uma offerta notavel

Dir-lh'a-ha

GRATUITAMENTE

O seu futuro será feliz, ditoso, afortunado? terá exito nos seus negocios, ambições, desejos? etc.



NASCEU SOB A INFLUENCIA DE PROPICIA ESTRELLA?

Ramah, o celebre Orientalista e Astrologo dará GRATUITAMENTE, a quem lh'a mandar pedir, com a indicação do nome, do endereço e a data exacta do nascimento, por meio do seu methodo incomparavel, uma analyse astrologica da sua vida e do seu futuro, a qual, junta aos seus conselhos Pessoas, encerra dados susceptiveis não só de que os achemos extraordinarios, como de nos deixar maravilhados. Escreva immediatamente e sem demora, para seu proprio interesse, a RAMAH, folio 7 PL.

44, RUE DE LISBONNE, PARIS

Com 5 Escudos para cobrir as despesas do correio, remessa, etc.

Franquia para França: 1\$60.

B

BERTRAND-IRMAOS. L^{da}
FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
T. DA CONDESSA DO RIO 27
LISBOA

OS MEUS CABELOS

POR LEATRICE JOY (ESTRÊLA DE CECIL B. DE MILLE)

QUANDO, há três anos, apareci num filme, pela primeira vez, com os cabelos cortados (cortados, não, aqui-

de aparecer na tela ou, ainda pior, estaria condenada a confinar a minha arte na interpretação, forçosamente deficiente, pela repetição inevitável dos tipos de «garçon» ou menina modernista?... Estaria eu na contingência de, em arte histriônica, continuar a ser *ad eternum*, a «Menina do Jazz» e, portanto, apenas uma utilidade para papeis daquela índole?...

Não podia resignar-me a tal e, por isso, reagi, lutei. Na «Paramount» não pensavam dar-me trabalhos de fôlego para os meus cabelos curtos, mas Cecil B. de Mille, o grande, o maior de todos, compreendeu-me. E os meus cabelinhos apartados ao lado, como os de qualquer rapazote, apareceram na interpretação dos mais variados papeis de mulher, dramáticos, cómicos ou trágicos. E sempre, valha a verdade, conquistei os aplausos do público e dos críticos. O que prova que a minha cabecita, que não mais terá longas tranças, não era, positivamente, uma «cabeça de avelã»!!... Parafraseando o desditoso André Chenier, posso exclamar: «Na verdade, sob êste pouco cabelo há algum miolo».

Deixei crescer um pouquinho (oh!... muito pouquinho!) os meus cabelos cortados e isso me permite frizá-los, ondulá-los e executar diversos penteados que se, na verdade, não se podem dizer caprichosos nem fantásticos, são, pela certa, bem graciosos e originais.

Cuido tanto dos meus penteados como das minhas *toilettes* e, é claro, gosando a fama de «rainha da moda» em Hollywood, terei que cuidar muito de ambas as coisas. Com estas desataviadas linhas lhes mando, lindas portuguesas, por intermédio desta linda *Voga* que me obriga a aprender o português pela curiosidade de a ler, algumas fotografias dos meus últimos vestidos e trajos de fantasia para o meu próximo filme.

-cortados!), ergueu-se grande clamor por todos os meios cinéfilos. E então, os comentários mais curiosos e... mais atrevidos, se entrecruzaram por toda a parte e enquanto uns choravam as minhas tranças dos tempos da «Paramount» (aquelas tranças quasi... babilônicas) outros, os mais, felizmente, entoaram louvores aos meus cabelos arrapazados.

Por mim, confesso, não tinha opinião decidida. Eu cortara as minhas tranças, não por uma questão de estética especial nem por instintos revolucionários. Eu não sou revolucionária, nem no trabalho, nem em concepções, nem... nas intrigas do estúdio. Assim cortara as tranças

única e simplesmente por uma questão de probidade artística.

Franz Borzage, o grande director, que nesse tempo começava também, como eu própria, gisára um plano curioso para argumento. A protagonista seria a «figura do momento» na sociedade americana: «A menina do Jazz», e não pareceria lógico que a destrambelhada criaturinha aparecesse ali, no ambiente trepidante, rápido, scintilante, do filme, com tranças respeitáveis de ursulina ou um venerando carrapito de mãe de família. Eis porque cortei o cabelo, em holocausto à arte, e eis também porque, não o tendo feito por convicção profunda numa nova beleza, estava apreensiva sobre o efeito futuro da profunda modificação que fizera sofrer à minha cabecinha de vento.

Para a interpretação da «Menina do Jazz» ia tudo às mil maravilhas. Mas depois?... Enquanto não me crescesse o cabelo de novo estaria impossibilitada



L.J. 65

CINEMA CONDES

«DON JUAN» de LORD BYRON, COM JOHN BARRYMORE